

Um novo modelo econômico em debate

Plínio de Arruda Sampaio Filho, da Unicamp, coordena grupo de economistas que defende mudanças urgentes

SÔNIA ARARIPE

Não peçam ao economista Plínio de Arruda Sampaio Filho, professor da Universidade de Campinas, boas notícias. Se depender deste especialista de 45 anos, o quadro que melhor espelha hoje a situação da economia brasileira seria pintado em tons cinzentos. Talvez até mais escuros.

— Infelizmente, estou pessimista. Acho que será preciso a crise piorar mais, se agravar, para que a sociedade se dê conta de que precisamos realmente de um modelo alternativo. A sociedade brasileira ainda não está completamente ciente dos malefícios do neoliberalismo.

Por modelo alternativo, compreenda-se um receituário de deixar de cabelos em pé qualquer operador iniciante da mesa de operações de banco. Arruda Sampaio Filho defende, por exemplo, o controle dos fluxos de capitais de curto prazo e também o reescalonamento do pagamento das dívidas. Um calote? Ele assegura que não e admite que o país ainda paga hoje um preço altíssimo pelas iniciativas unilaterais desastrosas nesse sentido do passado.

O problema é que vivemos uma situação bem parecida com a do cidadão comum que errou na mão. Deve muito no cartão de crédito, mas não tem como pagar da forma que lhe exigem. Será preciso negociar, reescalonar.

Quem não conhece o professor de voz mansa, mas idéias firmes deve prestar atenção também às origens.

economia - Brasil

ALTERNATIVA POLÊMICA



Divulgação/Antônio Perri

"A tradição brasileira é a socialização dos prejuízos e a privatização dos benefícios"

"Seria uma desonestade intelectual deixar o governo insistir que essa é a única política econômica possível"

"Não defendo o calote. Mas é preciso reescalonar a dívida. E controlar o fluxo de capitais de curto prazo"

"Neoliberalismo sem oposição à esquerda é um descalabro"

Reinaldo Gonçalves e Aloísio Teixeira, ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O professor Plínio não se acanha de ter sido tachado, ao lado do grupo, até mesmo por antigos companheiros de trincheiras, de xiita.

— Seria uma desonestade de intelectual, uma deslealdade com o debate, deixar o governo insistir que essa é a

única política econômica possível.

Ele admite que as propostas podem ser consideradas polêmicas, mas a idéia, explica, é justamente discutir alternativas. Que não são, frisa o professor, inéditas. "Há exemplos muito bem-sucedidos deste modelo que defendemos, como Coréia, Índia, China e Chile."

da transição.

— Não vejo nenhum movimento que aponte para uma transição. A independência do Banco Central, a reforma da previdência, a negociação da Alca (Área de Livre Comércio das Américas), a reforma tributária, tudo isso reforça a blindagem institucional que perpetua o domínio absoluto do capital estrangeiro sobre a nossa economia.

Em relação ao mercado financeiro, o economista censura a verdadeira desumanização deste segmento. "Que tal de mercado é esse que pede juros elevados, que critica isso ou defende aquilo?", questiona. E critica a tradição brasileira de socializar prejuízos e privatizar os benefícios.

— O Brasil mudaria se mudasse esse padrão de resolver a crise. E não é só isso. Essa história de que é preciso o bolo crescer para depois repartir é justamente o contrário. Quando o bolo cresce, o padrão de distribuição de renda já está implícito nas estruturas da economia. Por isso, o momento de redefinir é já.

Com a familiaridade de quem viu de perto o PT nascer, as críticas soam ainda mais fortes. E mesmo quem não concorda com tantas idéias alternativas há de reconhecer que existe realmente, dentro do coração da base que apoiou e torceu pela vitória de Lula, um grande racha.

— Interpreto a eleição de Lula como um desejo de mudança na política econômica. O problema é que a sociedade brasileira ainda não sabe o que quer pôr no lugar.

Arruda Sampaio Filho não esconde que, se o modelo defendido na "Agenda Interditada" vier a ser adotado um dia, haverá custos pesados de transição. Mas faz uma advertência.

— O pior custo, bem maior, é não transitar essa política econômica que está desmantelando o País. A sociedade precisa saber que há um custo, é verdade, mas que vale a pena para abrir novos horizontes.